



# REMEMORIZAÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRO-AFRICANAS EM *TEXACO*, ROMANCE DE PATRICK CHAMOISEAU

*Denise de Souza Silva*

*Orientador: Arnaldo Rosa Vianna Neto*

*Mestranda*

RESUMO: Este artigo visa expor brevemente alguns aspectos iniciais da pesquisa de mestrado sobre o romance *Texaco*, do escritor martinicano Patrick Chamoiseau, publicado em 1992, cujo objetivo é o de mostrar como o resgate histórico-cultural do fragmento negro-africano, preponderante na constituição da identidade crioula da Martinica, é feito pelo autor. Através do processo de memorização, Chamoiseau assume o desafio de representar a oralidade através da escrita, utilizando-se da oralitura. Visto que as memórias individuais e coletivas desses povos – oriundos de diversas regiões da África – foram apagadas e recalçadas pelos colonizadores, o autor faz em sua obra um trabalho de recuperação dessas memórias, escavando-as a partir de vestígios e adotando o recurso da reinvenção identitária. O artigo propõe analisar o romance a partir dos conceitos de Crioulização e de Poética da Relação, propostos pelo escritor e pensador antilhano Édouard Glissant. O rizoma – de Deleuze e Guattari – que se articula, pois, com a poética da Relação pela abertura para a pluralidade de línguas e de culturas também será abordado neste artigo. Tomaremos como base teórica, além de Glissant, textos dos escritores Deleuze, Guattari, Walter Benjamin e Stuart Hall.

PALAVRAS-CHAVE: Patrick Chamoiseau, Memória, Crioulização, Imprevisível, Oralitura.

A questão da identidade cultural vem sendo há décadas discutida na teoria social, cujo argumento baseia-se no fato de que as velhas identidades – as de raiz única – estão em declínio devido ao surgimento de novas identidades, ocasionando uma fragmentação do indivíduo moderno, segundo Stuart Hall. Isso significa que não existe uma única nação que seja composta de apenas um povo, uma única etnia, ou uma única cultura e que, por isso, todas “as nações modernas são híbridos culturais.” (HALL, 2011, p. 63). O conceito de nação não estaria relacionado a “apenas uma entidade política, mas a algo que produz sentidos – um

sistema de representação cultural” (HALL, 2011, p. 48), por isso, acrescenta-se também à noção de pátria um conteúdo cultural e linguístico. No caso das Antilhas francesas, objeto deste estudo, este conteúdo corresponde a um “vasto espaço geográfico e cultural onde o francês de referência, submetido a diversos tipos de contatos linguísticos, mostra fenômenos de mestiçagem cuja natureza e importâncias variam segundo o contexto linguístico” (VIANNA NETO, 2011, p. 261). De acordo com Édouard Glissant<sup>54</sup>, o que se passa no Caribe, durante três séculos é de fato o seguinte:

um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se criouliizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo, que é a realidade crioula. A Neo-América, seja no Brasil, nas costas caribenhas ou no sul dos Estados Unidos, vive a experiência real da criouliização através da escravidão, da opressão, do desapossamento perpetrados pelos diversos sistemas escravocratas [...] e através desses desapossamentos, dessas opressões e desses crimes realiza uma verdadeira conversão do “ser”. (GLISSANT, 2005, p. 17-18)

Segundo Glissant, o ser humano está em perpétuo processo, que não é mais o de *ser*, mas o de *sendo* – o *étant* –, e dessa forma, está sempre em transformação. O *étant* se dá graças aos constantes movimentos migratórios que marcaram a História das Antilhas durante os períodos colonial e pós-colonial. É desse choque de culturas – que Glissant chamou de Caos-mundo – interagindo-se umas com as outras, que essas culturas se transformam, originando uma identidade inacabada, compósita, qual um caleidoscópio, e multifacetada como a do antilhano, devido à imprevisibilidade do resultado da mistura de povos e etnias tão díspares. Contudo, interessa-nos estudar, na obra *Texaco*<sup>55</sup>, do escritor martinicano Patrick Chamoiseau, o fragmento negro-africano, preponderante na constituição da identidade crioula na Martinica, apontando exemplos de como o resgate histórico-cultural desses povos – oriundos de diversas regiões da África – é feito pelo autor. Como as memórias dos negros-africanos foram completamente apagadas e recalçadas pelos colonizadores, o autor exerce em sua obra um trabalho de recuperação dessas memórias, escavando-as e adotando o recurso da reinvenção identitária. Nesse processo, Chamoiseau assume também o desafio de resgatar a

---

<sup>54</sup> Édouard Glissant: pensador e escritor antilhano. Nascido em Beaudin, na Martinica, em 1928; publicou *Le discours antillais* (1981) e *Introduction à une poétique du divers* (1996), entre outras obras.

<sup>55</sup> Publicada em 1992, pela Editora Gallimard; ganhadora do Goncourt de 1992, o maior prêmio de literatura de Paris. A edição utilizada neste artigo é: CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Tradução do francês da Martinica Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

oralidade – característica presente nas culturas africanas – por meio da escrita, utilizando-se do processo da oralitura. Os artifícios da narração utilizados por Chamoiseau “são tecnicamente perfeitos para a representação de seu papel de intelectual responsável pelo resgate da identidade perdida do povo martinicano através da tradição oral” (FRANÇA VIANNA, 1995, p. 125).

O romance conta a história da construção e formação do bairro crioulo chamado Texaco (nome da antiga petrolífera desativada), na cidade de Fort-de-France, capital da Martinica<sup>56</sup>. A narradora principal e protagonista é Marie-Sophie Laborieux, filha do escravo Esternome e de Idoménee, que, diante da ameaça de destruição do bairro pela prefeitura, assume o papel de defendê-lo. Assim, ela toma a palavra – já deixando clara a importância da oralidade na narrativa – e conta ao Urbanista Cristo, enviado pela prefeitura, toda a história de seu povo a fim de convencê-lo a descumprir a lei de demolição de Texaco:

Então, respirei fundo: de repente, compreendi que era eu, em volta daquela mesa e de um pobre rum envelhecido, tendo como única arma a persuasão de minha palavra, que devia travar sozinha – na minha idade – a decisiva batalha pela sobrevivência de Texaco (CHAMOISEAU, 1993, p. 33).

Trabalhando a metalinguagem do discurso romanescos crioulo, Chamoiseau insere-se na narrativa como um etnógrafo, que recolherá as informações de Marie-Sophie sobre o bairro Texaco e do povo crioulo, para depois escrevê-las em livro. Portanto, Marie-Sophie torna-se sua “Informante”, pois, diante da ausência do contador de histórias, será ela quem lhe contará, através de sua memória, mais de 150 anos de história da Martinica e de seus ancestrais, que vão desde a escravatura até o drama contemporâneo da conquista das cidades. É Marie-Sophie mesma quem diz que, para compreender o bairro Texaco e o entusiasmo de seu povo pela Cidade, “teremos de ir bem longe na linhagem de minha própria família, pois minha compreensão da memória coletiva é apenas minha própria memória” (CHAMOISEAU, 1993, p. 39-40). Dessa forma, ela rememora todas as histórias que Esternome lhe contara sobre as atrocidades da escravidão, o processo de libertação dos escravos e como foi sua vida nas cidades Saint-Pierre e Fort-de-France.

---

<sup>56</sup> Localizada no Mar do Caribe, pertence às Antilhas Francesas; foi colônia da França de 1635 a 1946, ano em que se torna Estado da União Francesa, conhecida como Departamento ultramarino insular (DOM – Département d’outre mer) juntamente com Guadalupe, Guiana Francesa e Reunião.

Devido às deportações, os povos africanos foram arrancados de seus territórios e transplantados para as Américas. São povos que foram desenraizados, mas que, uma vez chegado ao novo continente, eles se reconstituíram como povo crioulo. Diante disso, mais do que simplesmente conquistar um espaço geográfico urbano, onde eles possam viver de acordo com suas singularidades culturais, a Cidade – que em crioulo diz-se: *l'En-ville* – é, acima de tudo, um projeto: “este projeto, aqui, era o de existir” (CHAMOISEAU, 1993, 342) enquanto cidadãos. A Cidade designa, portanto, um projeto onde eles possam reconstituir suas vidas num lugar que seja múltiplo, complexo, caótico, qual um caleidoscópio, que condiz com a natureza do homem crioulo.

Justificando-se pela criação de uma literatura local que represente o modo de ser de seu povo, Chamoiseau avança em direção a uma nova vertente literária que busca valorizar o repertório cultural de seu povo dando-lhe voz. No que se concerne a *Texaco*, o autor valoriza os contadores de histórias – elementos de extrema importância para a cultura africana e que mantiveram vivas as histórias de seus povos – e assume o desafio de escrever a oralidade para que as histórias não mais se percam. Dessa forma, Chamoiseau cria narradores semelhantes ao narrador de Walter Benjamin, dotados de sabedoria e de experiências de vida, que tecem histórias enraizadas nas tradições populares (BENJAMIN, 1986). Em *Texaco*, Chamoiseau se auto-intitula como o *Marqueur de Paroles* e *Oiseau de Cham*, assumindo-se como um etnógrafo, que escreve a tradição oral a partir de um trabalho investigativo, no qual resgata as alteridades culturais e linguísticas de seu povo. A obra se vincula, pois, à etnografia e mimetiza o gênero relato-testemunho, cujas histórias orais (contadas em língua crioula) dos povos da Martinica são coletadas e escritas em livros, em língua francesa. Entretanto, não se trata apenas de reproduzir a linguagem oral cotidiana que foi registrada em seu gravador, transcrevendo as falas. É necessário levar em consideração os ritmos, os gestos, as expressões faciais, as entonações de vozes, ou seja, tudo o que um contador popular faz quando ele se põe diante de seu público (o ouvinte), cuja presença torna-se obrigatória, sobretudo na tradição oral, porque o contador, como o narrador, “incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1986, p. 217). A esse compromisso, some-se o desafio da transcrição do crioulo em francês.

Nas Antilhas francesas, este conflito linguístico diglótico é causado, portanto, pela coexistência das línguas francesa e crioula – a oficial e a materna, respectivamente. Com

estatutos diferenciados, o francês é a língua do colonizador, a de prestígio, ao passo que o crioulo é uma língua oral, a do povo colonizado, aquela onde ganha guarida o inconsciente coletivo, as memórias e as práticas culturais do povo crioulo. O crioulo é a primeira língua dos Antilhanos (Guianeses e Mascarinós), uma língua compósita e híbrida, caracterizada pela inclusão do *Outro*, pois ela é o resultado da mescla não só de diversas línguas dos povos africanos com a dos *békés* (linhagem de colonos franceses), mas também com as de outros elementos linguísticos heterogêneos, oriundos de diferentes culturas, postos em relação uns com os outros. Na Martinica<sup>57</sup>, a língua francesa é imposta como língua oficial em detrimento da língua crioula. Contudo, a língua francesa vem sendo submetida a uma diversificação linguística, histórica, cultural e social devido aos fenômenos de migração e de miscigenação, que têm causado uma reestruturação da identidade martinicana, de modo que ela já não pode mais ser considerada como um patrimônio exclusivo da França, uma vez que ela passou por um processo de apropriação cultural e linguística. Esse processo provoca mutações e variações na sintaxe, no léxico e na morfologia da língua francesa que transcende, dessa forma, do estatuto de língua do opressor ao de língua apropriada. Os estatutos diferenciados das duas línguas podem ser notados neste fragmento de *Texaco* no qual Esternome diz à Marie-Sophie que na Cidade: “tem as *donas* e as *senhoras*. Não é a mesma coisa. A *dona* fala com você em crioulo. A *senhora* fala em francês. A *dona* é gentil e conhece a sobrevivência. A *senhora* é mais severa e fala com você da Lei” (CHAMOISEAU, 1993, p. 204).

De acordo com Glissant, em seu livro *Introduction à une poétique du divers*<sup>58</sup>, dentro do contexto atual das literaturas, os escritores antilhanos devem escrever em presença de todas as línguas do mundo, e que, nesse sentido, as línguas crioula e francesa são solidárias uma em relação a outra. Significa, pois, que o imaginário do homem antilhano necessita tanto da língua crioula quanto da língua francesa. Ainda segundo Glissant, o multilinguismo estaria relacionado ao desejo de aceitação e de compreensão da língua de seu vizinho (GLISSANT, 1996). Em *Texaco*, a personagem Esternome diz à Marie-Sophie que a *História* que ela

---

<sup>57</sup> Faz parte do Arquipélago das Pequenas Antilhas, no Caribe; foi colônia francesa de 1635 a 1946, ano em que se torna Estado da União Francesa, conhecida como Departamento ultramarino insular (em francês DOM – Départements d’outre mer) juntamente com Guadalupe, Guiana Francesa e Reunião.

<sup>58</sup> GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.



acredita “ser a raiz de nossa mandioca” (CHAMOISEAU, 1993, p. 87) é, na verdade, apenas uma das raízes entre as outras. Para ele, o que existe são várias “histórias”, considerando que “há tantas vidas e tantos destinos, tantas trilhas para fazer nosso único caminho” (CHAMOISEAU, 1993, p. 87). Dessa forma, Marie-Sophie compreende que:

O que ali viveram (meu pai só ficou sabendo quando chegou às terras livres), uma porção de indivíduos também tinham vivido. Eles estavam no Norte, outros no Sul, outros ainda no meio do país. Tanto assim que, para me divulgar essa odisséia oculta, meu Esternome empregou freqüentemente o termo *noutéka*, *noutéka*, *noutéka*. Era uma espécie de *nós* mágico. Em seu entender, ele carregava um destino coletivo quando se referia a esse *nós* que o atormentou em seus últimos anos (CHAMOISEAU, 1993, p. 116).

Essa passagem refere-se tanto aos povos ameríndios (Caraíbas e Arawaks), que já viviam há séculos no Caribe, quanto aos demais povos (indianos, libaneses, chineses etc.) que chegaram depois à Martinica através dos movimentos migratórios, e que, assim como os negros-africanos, também se criouliaram, imbricando-se com todas as demais culturas. Édouard Glissant, em seu livro *Le discours antillais*<sup>59</sup>, diz que no Caribe, antes da chegada de Colombo, havia um movimento de comunicações entre os povos ameríndios, do continente para as ilhas e vice-versa, do Norte e do Sul. Contudo, a partir da colonização, esses povos foram exterminados pelos colonizadores europeus, de modo que essa relação entre eles foi rompida (GLISSANT, 1997), e suas histórias de genocídios também foram apagadas da História (com H maiúsculo). A metáfora do termo *mandioca* enfatiza a questão do rizoma<sup>60</sup>, de Deleuze e Guattari, que Chamoiseau e Glissant adaptaram à cultura crioula, pois ele também corresponde às diversas raízes dos povos que se espalharam pela Martinica, feito tentáculos vivos. O rizoma se articula, pois, com a Poética da Relação, pensamento de Glissant, pela abertura para a pluralidade de línguas e de culturas. Portanto, o que importa aos antilhanos é uma identidade posta em relação com as outras e, por isso, modificadas pelas outras identidades, tornando-se, devido a essa relação, ricos de todas as culturas e de todas as identidades. Como em uma metáfora literária, o Bairro Texaco estava “brotando no meio de tudo isso...” (CHAMOISEAU, 1993, p. 116), ou seja, no meio de todas essas histórias, propiciando, dessa forma, o nascimento do “*nós* mágico” (*noutéka*), tão sonhado por

<sup>59</sup> GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997.

<sup>60</sup> Conceito desenvolvido a partir de uma oposição à identidade-raiz que Chamoiseau e Glissant emprestaram dos escritores Gilles Deleuze e Félix Guattari, do livro *Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie 2*. Paris. Minuit.1980.

Esternome. O pai de Marie-Sophie carregava, portanto, o *nós* coletivo do qual esses povos também faziam parte, de modo que ignorá-los seria novamente apagá-los da História, como fizeram os colonizadores.

Constituído de raízes múltiplas, o rizoma se conecta com as outras raízes, alastrando-se pelos platôs sem que exista um começo ou um fim, em oposição à raiz única que se impõe e destrói todas as outras ao seu redor. Por isso, no que se concerne à Martinica, pode-se dizer que a natureza da cultura crioula, tal qual o rizoma, é constituída de várias raízes “oriundas de diversos povos, gerando dessa forma, uma mistura imperfeita, caótica e nascida do encontro doloroso entre os povos nas Antilhas” (FRANÇA VIANNA, 1995, p. 74). A memória dos escravos – composta de genocídios na África e nas Américas, pelo exílio coletivo forçado, pela deportação mercantil e escravocrata, pelas violências e humilhações – questiona o discurso da origem perdida e de alienação (a identidade destruída) pela política assimilacionista francesa. Neste questionamento antropológico, identitário e memorial, Glissant faz referência ao processo de encontro e de separação que se abre para a relação. Com o rizoma, a circulação e a troca, caracterizadas pela hibridização de elementos heterogêneos, produzem um resultado imprevisível (GLISSANT, 1996), pois esse processo de interação resulta do choque de referenciais diversos e de práticas culturais distintas. Nesse choque há perdas e ganhos e transformações mais variadas em relação aos *ethoi*, uma vez que o rizoma “se metamorfoseia, mudando de natureza” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 48). As redes tecidas, as alianças inéditas e os encontros aleatórios supõem a multiplicidade e a horizontalidade. Em relação à América, Deleuze e Guattari afirmam que o continente não está isento “da dominação das árvores e de uma busca das raízes”, que se reflete até mesmo na literatura “na busca de uma identidade nacional” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 40). Em *Texaco*, essa busca permanente encontra-se também no seguinte fragmento:

Sobreviventes de Saint-Pierre. Fomos longe. Havíamos criado raízes ao longo de toda a Trilha. Povoar o Alma, povoar o Médaille, [...]. Nas colinas do litoral amado pelos caraíbas, as prefeituras nos instalaram. [...] Em Fond-Lahaye, construíram-nos um campo de folhas secas e abrigos provisórios. Ali nos amontoamos durante tempos sem tempo, até decidirmos desaparecer – criar raízes no local ou partir para o destino. Saint-Pierre, ao aquecer, enlameara a terra de nossas almas (CHAMOISEAU, 1993, p. 147).

### Escrever a oralidade: oralitura

Incorporando o “recado maldito do signo de Cam (Cham) bíblico no nome, Chamoiseau realiza esse estigma na transgressão do espaço sagrado de poder da escritura e inaugura o reino da Oralitura” (FRANÇA VIANNA, 1995, p. 177), a produção estética da palavra que, segundo o autor, é uma espécie de alquimia particular entre a oralidade e a escritura. Segundo Magdala França Vianna, em sua tese *Por uma cultura de hibridação: conflito e diferença na dispersão e pluralização do sujeito canônico*,

Chamoiseau fez sua escolha por um francês “habitado” por uma consciência crioula, capaz de realizar a relação diversal com proposta da cultura mosaico projetada pela Criolidade<sup>61</sup>. A matriz crioula é de estrutura essencialmente oral e Chamoiseau reproduz em suas narrativas a palavra falada sempre seguida de tradução evidenciando sua preocupação com um público leitor diferenciado e em visualizar as diferenças entre os dois sistemas lingüísticos, veículos de existenciais diversos (FRANÇA VIANNA, 1995, p. 144).

Alguns exemplos são os termos em crioulo: *la bitation*, em substituição ao termo francês *l’habitation*; ou *Bondie!*, ao invés de *Bon Dieu!*; ou, ainda, a preferência de Marie-Sophie pelo termo *Milâtre* ao invés de *Mulâtre*, para justificar que era assim que seu Esternome falava. Outros exemplos são as frases em crioulo seguidas da tradução em francês, como: *Kouman ou pa an travay, Tu ne travailles pas?... “Man ka bat an djoumbak la. Je n’ai pas quitté mon travail”* (CHAMOISEAU, 1992, p. 55)<sup>62</sup>.

Em seu texto *Que faire de la parole?*, Chamoiseau diz que recuperar a oralidade crioula (ponto de partida da existência de seu povo e de sua cultura) é fazer com que essa oralidade possa se harmonizar com as exigências da escritura em língua francesa (CHAMOISEAU, 1994). Em *Texaco*, Marie-Sophie enfrenta esse dilema de escrever a oralidade crioula ao confessar que escrever para ela “era em francês, não em crioulo”, questionando-se: “*Como escrever meu Esternome, tão crioulo?*” (CHAMOISEAU, 1993, p. 285). Diante dessa questão que ele mesmo levanta, Chamoiseau explica que o seu primeiro cuidado é o de colocar-se à escuta dos velhos contadores de histórias atuais, os últimos

<sup>61</sup> Com o ensaio “*L’Éloge de la Créolité*” (1989), os escritores Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant lançam o movimento da Criolidade (*La Créolité*), onde recusam a pretensão ocidental à universalidade e apontam como problema essencial a questão da elaboração de uma identidade crioula. A criolidade nasce do ambiente das plantações, com a mistura de diferentes culturas de movimentos migratórios.

<sup>62</sup> Optei em colocar o texto original em francês (1992), pois trata-se de tradução direta do crioulo para o francês. A tradução do francês para o português seria: Você não está trabalhando?... Não deixei meu trabalho.

contadores, registrar-lhes, enriquecer-se de suas palavras crioulas, de suas presenças, de seus ritmos (CHAMOISEAU, 1994). Chamoiseau diz, ainda, que o escritor crioulo, “ao sentar-se diante de sua folha, deve abandonar uma boa parte de sua razão a fim de se tornar um inventor de linguagens, um vidente (*voyant*)” (CHAMOISEAU, 1994, p. 158). Na última parte de *Texaco*, o *Marqueur de Paroles* se manifesta definitivamente tomando o discurso para explicar a gênese do texto e, dessa forma, expressar toda a problemática de escrever a oralidade crioula. No início, ele anotava os relatos de Marie-Sophie em um caderno, obtendo depois a autorização para utilizar seu gravador, de modo que ele poderia “escutá-la, escutá-la, escutá-la, sentindo uma perturbadora embriaguez ao desligar meu gravador a fim de melhor me perder dentro dela, e viver no mais profundo os cantos de sua palavra” (CHAMOISEAU, 1993, p. 344). Há um momento em que o *Marqueur de Paroles* desejou também filmá-la, pois era-lhe “cada vez mais clara a ideia de que o audiovisual oferecia novas chances à oralitura, e permitia se pensar numa civilização articulada a partir do texto e do falar” (CHAMOISEAU, 1993, p. 344). Proferindo essas palavras, o etnógrafo, assim como Marie-Sophie, também demonstra sua insegurança diante da incapacidade de transpassar as barreiras entre a escritura e a oralidade, devido ao medo de não conseguir expressar tão fielmente as singularidades crioulas através da língua francesa. Ao terminar de “escrever o melhor que pode sobre o *Texaco Mitológico*” (CHAMOISEAU, 1993, p. 345), o *Marqueur* se deu conta de quanto sua escrita traía o real, uma vez que sua escrita “nada transmitia do sopro da Informante, nem sequer evocava sua densidade lendária” (CHAMOISEAU, 1993, p. 345), causando-lhe um sentimento de angústia. Contudo, lembrou-se de Ti-Cirique<sup>63</sup> que, justamente por subestimá-lo com suas críticas negativas sobre a sua incapacidade de escrita, acabou por encorajá-lo a prosseguir. O seu esforço de tentar escrever a oralidade pode ser recompensado, uma vez que a “superabundante palavra da Informante”, depois de escrita, atenderia o seu desejo de ser cantada:

em algum lugar para ser escutado pelas gerações vindouras, que lutamos contra a Cidade, não para conquistá-la, mas para nos conquistarmos, a nós mesmos, no crioulo inédito que precisamos designar – em nós mesmos, para nós mesmos – até nossa plena autoridade” (CHAMOISEAU, 1993, p. 345).

---

<sup>63</sup>Personagem fictícia, escritor haitiano; “Ti-Cirique, ou sirik, significa ‘pequeno siri’ em crioulo” (CHAMOISEAU, 1993, p. 287).



## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras escolhidas, v. I)
- CHAMOISEAU, Patrick, en collaboration avec Raphaël Confiand et Jean Bernabé. *Éloge de la Créolité*. Paris: Gallimard / Presses Universitaires créoles, 1989.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Paris: Gallimard, 1992.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHAMOISEAU, Patrick, CONFIANT, Raphaël. *Lettres Créoles, tracées antillaises et continentales de la littérature*. Martinique, Guyane, Guadeloupe, Haïti, 1635-1975. Paris: Éd. Hatier, 1991.
- CHAMOISEAU, Patrick. Que faire de la parole?. In: LUDWIG, Ralph. *Écrire la parole de nuit, la nouvelle littérature antillaise*. Paris: Gallimard, 1994, p. 151-158.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. 2a. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 17-50.
- GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora : UFJF, 2005.
- FRANÇA VIANNA, Magdala. Por uma cultura de hibridação: conflito e diferença na dispersão e pluralização do sujeito canônico. 1995. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- VIANNA NETO, Arnaldo Rosa. Poética do caos: a conquista de Babel. *Gragoatá*, Niterói, v. 16, n. 31, p. 259-272, sem. 2011.